

## MIGRAÇÕES, CULTURAS E (IN)TOLERÂNCIA RELIGIOSA NAS AMAZÔNIAS<sup>1</sup>

Geórgia Pereira Lima<sup>2</sup>

Lucas Santos Nobre<sup>3</sup>

### RESUMO

Análise bibliográfica acerca dos fluxos migratórios para a região Amazônica entre os séculos XVIII e XX – é o foco deste artigo. Assim, os cruzos culturais resultantes dos deslocamentos são possíveis de expor os processos diferenciados de interculturalidades (Candau, 2016) daqueles fenômenos sociais de migrações em diversas temporalidades. A finalidade deste estudo é entrever as manifestações de religiosidades como intersecções entre os sujeitos migrantes de diversos espaços e temporalidades. O método crítico (Bloch, 2001) serviu para analisar as fontes, sobressaindo daí dois resultados: identificar os entre nexos e hiatos culturais religiosos e expor elementos de (in)tolerância religiosa presentes no contexto das Amazônia interculturais. Assim sendo, a interculturalidade constituída no contexto histórico da migração e dos trânsitos de culturas vem a revelar o dinamismo de movimentos contínuos e descontínuos de “nexos” e “hiatos” culturais, particularmente religiosos, que provocam nas narrativas/discursos os valores “morais” conflituosos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intersecções. Migrações. Religiosidades amazônicas.

### MIGRATIONS, CULTURES AND RELIGIOUS (IN)TOLERANCE IN THE AMAZONS

### ABSTRACT

Bibliographic analysis about the migratory flows to the Amazon region between the XVIII and XX centuries is the focus of this article. Thus, the cultural crossings resulting from the displacements are able to expose the differentiated processes of interculturalities (Candau, 2016) of those social phenomena of migrations in various temporalities. The purpose of this study is to glimpse the manifestations of religiousness as intersections between migrant subjects from different spaces and temporalities. Critical method (Bloch, 2001) was used to analyze the sources, highlighting two results: to identify the links between religious cultural nexuses and gaps, and to expose elements of religious (in)tolerance present in the context of the intercultural Amazons. Therefore, the interculturality constituted in the historical context of migration and the transits of cultures denote the dynamism of continuous and discontinuous movements of cultural "nexuses" and "gaps", particularly religious ones that expose the conflicting "moral" values of the narratives/discourses.

**KEYWORDS:** Intersections. Migrations. Amazonian religiosities.

<sup>1</sup>O tema deste artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, tendo como enfoque uma revisão, em andamento, de produções acadêmicas de estudos migratórios em diversas temporalidades envolvendo o contexto amazônico, em particular a Amazônia Sul-Occidental. Texto apresentado no *I Simpósio Internacional Multidisciplinar das Humanidades Brasil/Moçambique* (UFAC/2023).

<sup>2</sup>Doutora em História Social, pela Universidade de São Paulo (USP/2014). Pós-doutorado em Ensino de História (UNIFAP/2021). Mestra em História do Brasil (UFPE/2002). Professora Titular da Universidade Federal do Acre, atuando no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH/UFAC). Coordenadora do Curso de Licenciatura em História (2023/2025). Coordenadora-orientadora do PIBID História/CAPEs, 2023. E-mail: [geo833@gmail.com](mailto:geo833@gmail.com)

<sup>3</sup>Discente em Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Acre – UFAC. Orientando, grupo de pesquisa PIBID História/CAPEs, 2023. E-mail: [lucasnobre1508@gmail.com](mailto:lucasnobre1508@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo procura responder a inquietação de (in)tolerância religiosa sobre as migrações culturais amazônicas, partindo de uma abordagem do contexto histórico da Amazônia Sul-Ocidental de processos migratórios diversos, entre 1870 a 1970, que envolveu diferentes deslocamentos sociais de homens e mulheres, manifestando, em seu conjunto, trânsitos culturais que possibilitaram entrever cenários e elementos de interculturalidades (Candau, 2016) amazônicos nas dinâmicas de intersecções e continuidades, bem como de contradições e descontinuidades, que sinalizam uma forma de visibilizar elementos da (in)tolerância (Nogueira, 2020) religiosa na região acreana.

Partindo dos pressupostos da análise crítica de Marc Bloch (2001) para revisão dos estudos sobre migrações/deslocamentos amazônicos/Acre e da Lei 11.635/2007, somado o banco de dados com uso do *google forms*, realizou-se uma enquete com pessoas frequentadoras e praticantes de religiões de matriz africana em Rio Branco/Acre, que permitiu entrever o contínuo e o descontínuo de elementos religiosos interseccionados em diferentes fenômenos migratórios.

Assim, considerando o contexto histórico das migrações em diferentes períodos dos chamados “ciclos” da borracha e da pecuarização das terras acreanas a partir de 1970, da legitimidade da lei brasileira e as implicações geradas por situações envolvendo preconceitos e (in)tolerância religiosa, expõem-se resultados significativos nesse estudo, que permitiram: 1) entrever nos trânsitos “nexos” e “hiatos” culturais resultantes de processos migratórios em diferentes temporalidades; 2) cruzos interculturais, incorporação ou não, de elementos religiosos no contexto acreano.

Desta forma, a análise bibliográfica acerca dos fluxos migratórios na Amazônia, particularmente da região Sul-Ocidental (Acre), ocorridos por fatores econômicos, e/ou sociais, tornou possível ver as influências de diferentes povos dos chamados “ciclos” da borracha, entre o final do século XIX e o primeiro quartel do século XX. A partir desses “ciclos” econômicos/migratórios, evidenciam-se registros de interculturalidade em elementos de religiosidades entre os diversos sujeitos, homens e mulheres migrantes, e desses com as comunidades indígenas presentes nesta região.

Vale destacar que em nosso estudo incluímos as diásporas africanas, para mostrar que, a partir do século XVIII, já estavam presentes na Amazônia (Costa, 2016). Somados a esses grupos, temos os sírios e libaneses, que se estabeleceram nesses territórios por volta de 1900 (Araújo, 2015), com influência na culinária local e no comércio nos rios; e a migração japonesa em 1920 (Emmi, 2009).

Em relação às migrações nacionais, constam nos registros, entre outros, os movimentos de deslocamentos de alagoanos, baianos, cearenses, paraibanos, pernambucanos, bem como, a partir da

década de 1970, catarinenses, paraenses, paulistas e mineiros, para Amazônia/região acreana, assinalando diferentes contextos sociais que permitem seguir nos trânsitos desses grupos de homens e mulheres os cruzos culturais presentes em diferentes temporalidades no território amazônico/acreano.

Esses fluxos evidenciaram entres si encontros e desencontros culturais e, particularmente com as comunidades indígenas, as quais propiciaram manifestações religiosas que permitem identificar elementos advindos dos costumes e ritos dessas comunidades. Assim, durante diferentes processos migratórios de homens e mulheres que vivenciaram um entrecruzamento cultural amazônico/acreano, percebemos os “nexos” e “hiatos” de interculturalidades, particularmente religiosa, nas amazônias.

Portanto, a dinâmica das religiosidades mediada por elementos interculturais expõe uma (in)flexibilidade em “aceitar” a manifestação religiosa do “outro”, assim como o Estado de Direito a partir das leis, e o controle social, instituindo-se pela presunção da diversidade cultural, do equilíbrio religioso e das manifestações resultantes desses campos culturais.

## 2. ENTRE “NEXOS” E “HIATOS”: TRÂNSITOS MIGRATÓRIOS E CULTURAIS

O cenário das migrações para a Amazônia Sul-Occidental, registradas por fenômenos de “ciclos” socioeconômicos, no final do século XIX, e agropecuário, a partir da década de 1970, no século XX, revela diferentes territorialidades de trânsitos culturais, implicando pensar a cultura “como estratégia de sobrevivência, é tanto transnacional como tradutória” (Bhabha, 2007, p. 241).

Dessa forma, a cultura pensada, a partir dos pressupostos de Homi Bhabha (2007), enquanto transnacional possibilita compreender os “discursos pós-coloniais contemporâneos [...] enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural [e] tradutória [as] histórias espaciais de deslocamento tornam a questão de como a cultura significa (Bhabha, 2007 p. 241).

Isso implica pensar o espaço acreano em diferentes processos migratórios nacionais (Lima, 2014) e internacionais (Araújo, 2015); são representantes de “matrizes culturais do povo amazônico [que] foram sendo formadas por justaposição, sucessão, diferenciação, miscigenação, competição, conflito, adaptação, por diferentes levas e contingentes de diversos povos, línguas, religiões e etnias” (Benchimol, 2013, p.108).

Nesse sentido, é importante analisar as culturas, interna e externa, por meio de trânsitos migratórios decorrentes, especialmente, dos “ciclos” da borracha, sendo o primeiro com início em 1880 e estendendo até 1920, provocado pela procura da borracha em razão do avanço tecnológico da Segunda Revolução Industrial, pela necessidade do látex na produção em larga escala nas indústrias da

América do Norte e Europa; e o segundo ciclo, no contexto da Segunda Guerra Mundial, entre 1940 e 1945, com o Brasil passando a exportar borracha para suprir as demandas dos Aliados (Pontes, 2014).

Assim, a crescente procura pela matéria-prima da borracha, particularmente para a indústria pneumática, corresponde ao chamado primeiro “ciclo”, um processo de “colonização” das regiões amazônicas que continha migrantes principalmente pernambucanos, cearenses e baianos, que se tornaram seringueiros. Já no segundo “ciclo”, os registros históricos demonstraram que houve uma demanda por mão-de-obra de outras regiões do Brasil e do mundo. Sobre esse contexto da migração e em atenção ao nosso enfoque na cultura, o pesquisador Adnilson de Almeida Silva (2010) afirma:

O processo de des(re)territorialização vivenciado por milhares de nordestinos que, mesmo sentindo o flagelo da seca e a opressão do sistema capitalista, mediante a desumanidade e ganância dos seringalistas, moldaram a nova vida no seio de uma terra desconhecida. Contudo, essa nova territorialização não levou esses retirantes a se despirem do mundo vivido de suas raízes. Trouxeram seus costumes e um modo de vida que se fundiu com a cultura local, fortalecendo essa nova territorialização (Silva, 2010, p. 64).

Nesse sentido, os grupos, ao migrarem e alguns formarem territorialidades seringalistas, entraram em contato com comunidades indígenas, com suas culturas e saberes ligados à floresta, heranças ancestrais. Vale aqui ressaltar, sem que os conflitos dos tempos das correrias não possam ser esquecidos, com choque cultural nesse momento da história acreana, a importância dos conhecimentos indígenas, contribuindo para a formação dos primeiros seringais e sua continuidade na Amazônia Sul-ocidental. O historiador Carlos José de Farias Pontes (2014) descreve o papel dos povos indígenas:

[...] este não participou efetivamente da coleta extrativista, mas contribuíram significativamente com elementos culturais, com seus costumes, modos de ser e viver, maneiras de respeitar as leis da natureza e sua tecnologia, que foram amplamente apreendidas pelos “brabos” que chegavam desprovidos de conhecimento sobre a região (Pontes, 2014, p. 107-123).

Os fluxos migratórios para a região amazônica continuaram ocorrendo durante um longo período, que se estendeu do século XIX e primeiro quartel do século XX, com deslocamentos nacionais e as migrações internacionais. Segundo os censos, no ano de 1872 (Primeiro Ciclo da Borracha), a população estrangeira na Amazônia chegou a 2.199 mil pessoas; em 1890 chegou a 3.277 mil pessoas; e, no século XX, mais precisamente no ano de 1940, a população de imigrantes alcançou aproximadamente 7.441 mil pessoas vindas de outros países.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Fonte: IBGE. Estatísticas Históricas. Séries Econômicas, Demográficas e Sociais de 1550 a 1985. V.3 RJ. 1986. IBGE. Censo Demográfico 2000 (p.30). RJ, 2001. (Ver informe metodológico in fine ponto V) 3.

A dinâmica da população estrangeira na Amazônia demonstra uma diversidade oriunda de Portugal, Líbano, Síria e Japão. Alguns destes processos foram resultados de migração forçada e refúgio, seja motivada por conflitos, seja por instabilidade política (Araújo, 2015). Assim, há um inegável choque cultural entre esses povos com aqueles que já estavam presentes na Amazônia.

Dos exemplos desse choque cultural, podemos citar os sírios e libaneses que estavam presentes no território da Amazônia Sul-Occidental. Eles chegaram ao Acre e estabeleceram atividades na área comercial, tornando-se regatões que abasteciam os seringais por meio dos rios (Bezerra, 2006).

Desta forma, em relação às comunidades sírias e libanesas presentes no Acre, há uma intersecção entre culturas. Contudo, é importante considerar que, famílias de imigrantes possuidoras de boa condição financeira, mandavam seus filhos ao país de origem para estudar seu idioma, cultura e, religião, para possíveis casamentos, mantendo assim suas raízes culturais e religiosas (Araújo, 2015).

Temos a migração japonesa. Em 1908 os primeiros imigrantes aportaram no Brasil e, somente em 1920, estabeleceram-se na Amazônia (Emmi, 2009), somando-se ainda a marca cultural italiana. No artigo *Fluxos migratórios internacionais para a Amazônia brasileira do final do século XIX ao início do século XX: o caso dos italianos?*, Marília Ferreira Emmi (2009) discorre:

Entre os italianos, um grupo significativo foi formado por religiosos que vinham atender determinações específicas de suas respectivas congregações. Eles deixaram as marcas de sua presença em estabelecimentos de ensino e em hospitais. Outro grupo importante era composto por arquitetos, pintores, músicos e outros artistas. A presença desses artistas foi de grande relevo pelas marcas que deixaram nas cidades amazônicas e a propaganda de suas obras na Itália pode ter constituído um estímulo para outros grupos emigrarem espontaneamente (Emmi, 2009, p. 8).

Importa destacar que, para além dos imigrantes do Oriente e europeus, formaram-se movimentos migracionais interamazônicos de bolivianos e peruanos, que foram intensos no início do século XX, impulsionados pela economia da borracha presente na Amazônia Occidental. Na região acreana, muitos dos peruanos que chegaram com o objetivo de se estabelecer financeiramente, eram originários das regiões camponesas, ligados ao trabalho da terra ou ao comércio (Guillén, 2010).

Note-se, no que tange à identidade cultural, que o Peru é um país que apresenta uma diversidade de culturas tanto quanto o Brasil e Bolívia, também decorrente de movimentos migratórios internacionais. Isso permite pensar nos elementos de intersecção das culturas brasileira e peruana, como dito pelo historiador Elio Dixon Escurra Guillén (2010):

[...] o imigrante que está mergulhado nessa nova sociedade aprende o idioma e estabelece através deste aprendizado relações de amizade com as pessoas do lugar. Os imigrantes, que são majoritariamente solteiros, estabelecem laços afetivos e

constituem famílias, a maioria deles estabelecem relações de matrimônio com moças acrianas. Isso afeta de alguma forma sua cultura original, pois ocorrem mudanças expressivas nas suas relações diárias. (Guillén, 2010, p. 51).

Contudo, cumpre destacar que, apesar da integração cultural, os imigrantes peruanos não abandonaram ou desvalorizaram a cultura do país de origem. Na verdade, articularam elementos culturais brasileiros e incorporaram aos seus costumes e tradições. Assim, ao repassarem continuamente aos descendentes os novos costumes, particularmente alimentares, elegem elementos interculturais que julgam importantes para o convívio social no país “estrangeiro”.

No circuito dos trânsitos migracionais, cabe mencionar os africanos escravizados. Com a proibição do trabalho indígena compulsório por Marques do Pombal e a fundação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755), fez-se necessário trazer um elevado número de negros cativos vindos de vários países (Costa, 2016), que também se faziam presentes na Amazônia entre os séculos XVI, XVII e XVIII. Além disso, negros imigrantes do Caribe continuaram chegando à Amazônia no final do século XIX, bem como nas duas primeiras décadas do século XXI (Santos, 2016<sup>5</sup>). A respeito daqueles imigrantes caribenhos que ficaram conhecidos como “barbadianos”, o pesquisador Frederick Alleyne (2023) tece o seguinte comentário:

No Caribe, o porto de chamada situava-se em Bridgetown, na pequena ilha de Barbados. De lá trabalhadores vindos de outras ilhas como Saint Lucia, Saint Vincent, Grenada, Jamaica, Martinique, Dominica e até mesmo do Haiti, embarcaram para o Brasil, contratados por companhias inglesas ou dos Estados Unidos para trabalhar na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, ou para as obras de urbanização em Belém e Manaus. Outros vieram por terra, via Guiana, atraídos pelo ciclo da borracha. Todos tinham o mesmo sonho, o de encontrar fortuna fácil e voltar para as ilhas com um status melhor do que tinham quando saíram (Alleyne, 2023, p. 306-319).

Dessa forma, para além do contexto histórico-econômico do extrativismo amazônico, que imprime certa singularidade aos trânsitos das migrações internacionais e nacionais, faz-se mister grifar a intersecção entre culturas levando-se em conta os povos indígenas amazônicos.

Nesse sentido, os movimentos migratórios são fenômenos de diversas temporalidades que provocam, a partir dos trânsitos humanos, os nexos e hiatos entre culturas, sejam eles por questões

---

<sup>5</sup> A descrição do mestre Armstrong da Silva Santos (2014), acerca do intenso trânsito envolvendo outros grupos no século XXI, mostrou que “Nos últimos meses de 2010, pequenos grupos de haitianos começaram, com maior intensidade, a penetrar no Brasil através da Bolívia e do Peru, respectivamente pelos municípios acreanos de Brasileia e Assis Brasil. Com o aumento do número desses indivíduos que alcançavam aqueles municípios, houve, nos primeiros meses de 2011, por parte do Governo Federal Brasileiro, uma restrição do acesso à documentação necessária à legalização de suas estadias, permanências e/ou circulação em terras brasileiras (Muiraquitã, UFAC, v. 4, n. 1, 2016) 4.

econômicas, sejam eles por questões sociais, trazendo à baila os entrecruzos culturais com elementos presentes na culinária, vestimenta, acessórios. Na Amazônia Sul-Occidental, entre outros, destacam-se as expressões de religiosidades reveladoras de signos e sentidos engendrados na intersecção de manifestações de linguagens de santos, caboclos e orixás, com rituais diversos e próprios das culturas amazônicas.

A doutrina do Santo Daime e a Umbanda são exemplos dessas manifestações religiosas, que, mesmo sendo relativamente recentes, ambas do século XX, incorporam em suas vivências a interculturalidade, provinda das heranças constituintes das suas crenças e ritos – uma bagagem, com séculos de acúmulos de sabedorias, proveniente de povos indígenas, africanos, afro-brasileiros e afro-indígenas, os quais, por meio de suas interações culturais, possibilitaram a união das crenças, gerando outras manifestações, como a Umbandaime.

Nos fluxos e lutas para persistir com memórias de seus saberes e tradições, índios, negros e seus descendentes, em condições adversas de vida, misturaram seus corpos, almas, sentimentos e culturas, forjando uma nova identidade cambiante em territórios da “diferença colonial”. Nesses meandros, nasceram em rios, igarapés, igapós, matas, roças, pesqueiros, fazendas e, especialmente, em quilombos e mocambos, identidades, religiosidades, saberes e fazeres afroindígenas (Pachego, 2012, p. 3).

Portanto, com os entrecruzos de coisas tão distintas e únicas das culturas, acontece o que estamos chamando de interculturalidade (Candau, 2016). Entretanto, os processos de intersecções de elementos culturais, geradores de “aceitação” e singularidades, podem em determinados contextos se apresentar conflitivos, em razão de narrativas ou discursos de valores culturais múltiplos de enfrentamentos outros e de repúdio. Esse fenômeno pode ser notado nas manifestações religiosas na Amazônia/Brasil, tais como a já citada umbanda, o candomblé, o xamanismo, o Santo Daime, os saberes e fazeres de benzedoiras, bem como a ayahuasca acreana, as quais articularam elementos culturais distintos e são representantes de processos que envolvem intolerância religiosa.

### **3. CRUZOS INTERCULTURAIS E (IN)TOLERÂNCIA RELIGIOSA**

As Amazôniaas enquanto espaços dos cruzos interculturais dão a ver os “saberes da floresta”, constituídos pelos povos originários sobre “plantas, peixes e animais, os rios, igarapés, lagos [numa relação homem-natureza] o uso das plantas e ervas medicinais, poaia, copaíba, ucuuba, andiroba, capim-santo, cumaru, jambu, jurubeba, mastruz e [...], raízes, ervas e frutos” (Benchimol, 1999, p. 37-41).

Nesse sentido, a interculturalidade pensada a partir do fenômeno das migrações amazônicas, especificamente no espaço acreano, tem a ver com a presença, entre outras, de nacionais “nordestinos” (1870); de sírios e libaneses (1900); e japoneses (1920). Estes e outros sujeitos, com suas histórias e culturas de religiosidades, fé e crenças, materializaram em diferentes temporalidades um processo de “integração dos imigrantes [...] que vão se afastando lentamente das tradições culturais [...] vão se tornando [...] “árabes nordestinos” (Araújo, 2015, p. 94).

Dessa forma, nas migrações emergem intersecções culturais, há continuidades de elementos, mas também residem contradições e descontinuidades, particularmente de percepções de religiosas, tal qual enfatiza o historiador Gerson Albuquerque (2015),

A historiografia amazonalista produziu – historicamente - um silenciamento sobre a presença negra na Amazônia acreana. [...] o autor do livro “História do Acre: novos temas, nova abordagem”, mantém o mesmo silêncio, [sobre...] a questão da diáspora negra para essa região. “Negro” é palavra maldita na obra de Alves de Souza. [...] o capítulo 13, “Religiões: católicos e protestantes no Acre”. Nesse capítulo, as religiosidades de terreiros como o candomblé e a umbanda, que sempre estiveram presentes nos processos de construção dos diferentes territórios da Amazônia acreana são simplesmente ignoradas. [...] completamente uma das mais fortes e reconhecidas manifestações religiosas da Amazônia acreana, a doutrina do Daime e suas diferentes linhas. “Bebida de índio” (Ayahuasca, [...]) em práticas e ritos religiosos de indígenas, negros, brancos e das muitas misturas das gentes do Acre. Religiosidade articulada desde o início do século XX por negros maranhenses de indescritível presença física, espiritual e histórica, a exemplo Raimundo Irineu Serra, Daniel Pereira de Mattos e José Gabriel da Costa (Albuquerque, 2015, p. 16-17).

As continuidades e descontinuidades de elementos religiosos podem ser vistas com a história da comunidade turca (1900) no espaço acreano, cujas experiências interculturais derivam do choque de duas sociedades distintas: diferentes no modo de se vestir, de se comunicar, preparar suas refeições, interagir socialmente e, principalmente, nas crenças religiosas. Mesmo com todas essas “barreiras” culturais, esses imigrantes transpuseram essas dificuldades, tomando para si parte dessa nova cultura, mesmo que de forma parcial (Araújo, 2015).

O historiador Valmir Freitas de Araújo (2015), ao entrevistar uma descendente de um dos primeiros imigrantes libaneses no Acre, elucida sobre esses cruzos culturais que surgem:

Meu pai era druso, era seguidor de Maomé, mas gostava de comer carne de porco. De manhã, quando o sol nascia, ele rezava de frente para o nascente. Na época, eu não entendia direito. À tardinha, ele rezava, mas fazia de uma forma tão discreta, que às vezes nem notávamos. Às vezes, eu notava que ele estava rezando, mas também não sabia ao certo o que era. Quando ficava doente, ouvíamos ele dizer: “*Ib Alá! Ib Alá! Ib Alá!*...” Mamãe dizia “*ele está clamando por Alá*”. Mesmo assim, ele casou na Igreja Católica com minha mãe (Araújo, 2015, p. 130-131).

Ao lermos o relato apresentado pelo historiador, percebemos o ato de aceitar, por vezes, a religião do outro, mas sem negar as características da religião de origem. Essa “mescla” de elementos culturais religiosos – rezando a Alá e, em outros momentos, participando de ritos católicos” – parece uma tentativa dos imigrantes em estabelecer boa relação social com a comunidade do país acolhedor.

Assim, os cruzos culturais, visivelmente estampados na Amazônia Sul-ocidental mediante a manifestação do sagrado, como visto na aceitação dos sírios e libaneses em praticar outra religião, só corroboram que muitos dos povos que migraram do século XVIII até o XXI, aportaram em uma zona de contato com fronteiras culturais fluidas. Os “nordestinos”, que formaram o maior contingente de migrantes nas Amazônia, conferem-nos uma ideia, a partir dos trânsitos culturais, da interculturalidade religiosa que articula suas heranças católicas com as tradições religiosas indígenas.

É na figura das benzedeadas que temos uma noção maior dessas misturas de crenças, bem como da importância que essas pessoas seguidoras desses “novos” sagrados têm para as suas comunidades e para a história do Brasil. Segundo o pesquisador Jerônimo da Silva (2012),

Falar em rezadeira é adentrar num universo cultural rico em detalhes e singularidades, sobretudo, por dizer respeito a mulheres que sedimentam suas sabedorias através da oralidade. Gestos, vozes, posturas e valores são delineados em virtude das experiências, olhares e sensibilidades desenvolvidos entre rios e florestas. Essas mulheres têm diversos elementos em comum, compartilham o arsenal religioso da comunidade onde vivem: sujeitos praticantes do catolicismo popular/devocional, mesclados à bagagem cultural afroindígena. Entretanto, ao mencionarmos essas práticas culturais, não devemos pensar a identidade das rezadeiras como permanente e unificada, e sim como uma “courageira” forjada nos diversos confrontos, agenciamentos, diferenças e trânsitos sociais (Silva, 2012, p. 40).

Nesse contexto, outra manifestação do sagrado dimanada dos fluxos migratórios das interamazônias reside no culto da Santa Raimunda do Bom Sucesso, no Seringal Icuriã, localizado no município Assis Brasil-Acre, no qual constatamos demonstrações da interculturalidade religiosa resultante dos diálogos entre comunidades situadas nas florestas latino-americanas.

Aqui destacamos um ato significativo das florestas: as pessoas “escolhidas” como representantes religiosas em suas comunidades passam a ser veneradas como “santos” por manifestarem milagres socioculturalmente reconhecidos, similar aos processos de reconhecimento e canonização da Igreja Católica. Ao versarem sobre o cruzo das religiosidades no território acreano, as pesquisadoras Rachel Dourado da Silva e Stélia B. Castro (2010) compreendem que:

Atualmente, ao percorrer as diferentes festas populares de santos da floresta no território do Acre, percebe-se o sincretismo religioso, com aspectos do catolicismo, da umbanda e dos ritos indígenas. A necessidade de fazer pedido e agradecer o

atendimento divino promove na comunidade o pagamento de promessas e pedidos com demonstração de fé por meio de construções de capelas, queima de fogos e a entrega de ex-votos (Silva; Castro, 2010, p. 6).

O que está sendo concebido por “sincretismo” denota os trânsitos e cruzos culturais. A presença das africanidades nas *Amazônias* também gestou uma interculturalidade, vista, por exemplo, nas religiões de matriz africana, que incorporam elementos das religiosidades oriundas das Áfricas, do catolicismo, islamismo, espiritismo e das culturas indígenas. A interculturalidade pode ser notada tanto nas festas religiosas como em quadrilhas, bois-bumbás, entre outras expressões populares. Em seu artigo *Imigração e identidade cultural: a representação de uma identidade preferencial no interior de Rondônia*, Sandro Adalberto Colferai (2010) contextualiza a festa do Divino Espírito Santo:

[...] tradição que remonta à segunda metade do século XIX e tem raízes em festas semelhantes na Europa. Atualmente é mantida por populações remanescentes de quilombos surgidos na região ainda no século XVIII, durante a exploração de ouro. Na festa se reúnem moradores de vilas tanto da margem brasileira como boliviana do rio Guaporé, em uma procissão de barcos que pode durar até 40 dias e percorre as principais localidades do vale. Outra festa religiosa tradicional é a Procissão de São Pedro, realizada por pescadores de Porto Velho e de localidades próximas. O destino é a Igreja de Santo Antônio, na localidade de Santo Antônio, e acontece sempre no dia 29 de junho, Dia dos Pescadores (Colferai, 2010, p. 115).

Com isso, as práticas religiosas e religiões formadas desses cruzos interculturais continuam contemporâneas, tomando como exemplo as festas religiosas populares. No Acre, essas manifestações do sagrado igualmente são patentes nos terreiros de umbanda e candomblé, bem como na ayahuasca, que são representações de práticas religiosas resultantes desses fenômenos migratórios e culturais.

Porquanto, os espaços dos terreiros de candomblé e de umbanda, e ainda *ayahuasca*, como elementos interculturais (Candau, 2016) amazônicos/acreanos, estão presentes nas dinâmicas de intersecções e continuidades, embora os silenciamentos historiográficos da diáspora “negra” acreana, bem como os silêncios do uso do chá da *ayahuasca* sejam indicadores das contradições e/ou descontinuidades, apontando para elementos da (in)tolerância religiosa no espaço acreano.

O enfoque que damos à interculturalidade não exclui, contudo, levar em consideração os atos de racismo, violência e discriminação na sociedade brasileira (Pachi, 2018) e, por extensão, no Estado do Acre. É o caso do registro do portal G1 (Grupo Globo/AC) em 22/05/2022: “Pastor comete intolerância religiosa contra tenda de Umbanda através de um vídeo [...]” (Nascimento, 2022).

Dados de grupo de pesquisa e estudo coordenado pela profa. Dr.<sup>a</sup> Geórgia Pereira Lima (PIBID/História, 2023), em uma amostra da fase inicial da pesquisa envolvendo grupos religiosos de

matriz africana, apontam que as pessoas desses círculos de religiosidade sofreram diferentes tipos de violência contra sua religião, como demonstram os gráficos a seguir. Vejamos:

### Gráfico 1, representando as porcentagens de praticantes de religiões de matriz africana em Rio Branco-AC

Qual religião você pertence ou com qual você mais se identifica?

10 respostas

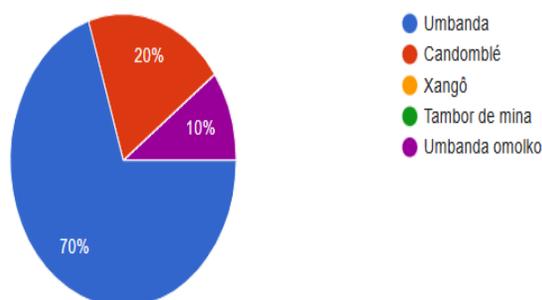


Gráfico 1: Dados do grupo de pesquisa e estudo coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geórgia Pereira Lima, cujo objetivo é verificar se pessoas de religiões de matriz africana sofreram algum tipo de violência contra sua religião.

Fonte: PIBIDHISTÓRIA/CAPES, 2023

### Gráfico 2, representando a porcentagem de praticantes de religiões de matriz africana que sofreram intolerância religiosa em Rio Branco-AC

Você já sofreu intolerância religiosa?

10 respostas

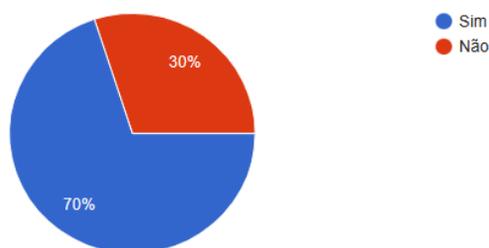


Gráfico 2: Dados do grupo de pesquisa e estudo coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geórgia Pereira Lima, cujo objetivo é saber se pessoas de religiões de matriz africana sofreram algum tipo de violência contra sua religião.

Fonte: PIBIDHISTÓRIA/CAPES, 2023

Evidenciada no Gráfico 1, a diversidade religiosa em Rio Branco- Acre vai ao encontro das análises bibliográficas acerca das interculturalidades/cruzos religiosos herdados da nossa história de encontros e desencontros entre povos de diferentes nacionalidades, culturas, ritos e religiões, provenientes dos fluxos migratórios frequentes desde o período colonial brasileiro.

Já no Gráfico 2 há os conflitos que os diversos cruzos culturais de religiosidades promovem, realidade vivenciada por pessoas praticantes das religiões de matriz africana, cuja maioria já foi vítima da intolerância ao credo religioso de fazeres e saberes dos terreiros de candomblé ou umbanda, manifestada por vezes pela própria família, que recusa aceitar a religiosidade de quem a professa.

Dito isso, a análise da Tabela 1 da pesquisa, que contém relatos de casos de intolerância religiosa em Rio Branco-AC, pode ser assim representada na Figura 1:

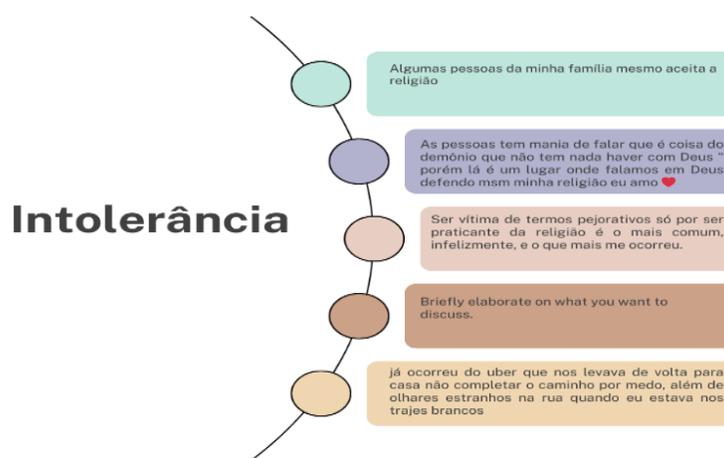


Figura 1: Dados do grupo de pesquisa e estudo coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geórgia Pereira Lima, cujo objetivo é saber se as pessoas de religiões de matriz africana sofreram algum tipo de violência contra sua religião.

Fonte: (PIBIDHISTÓRIA/CAPES, 2023)

As descrições das pessoas praticantes de religiosidades de matriz africana descortinam os hiatos das intersecções culturais constituídas em diversas temporalidades no interior da floresta acreana, assim como denotam a intolerância religiosa como parte de narrativas/discursos de valores religiosos geradores de conflitos velados ou manifestados em preconceitos que agridem pessoas e suas crenças, chegando ao ponto em que estes hiatos provocados pela intolerância religiosa expõem dupla violência material: tanto aos locais de culto quanto à pessoa, mediante a agressão física.

Portanto, isso implica pensar na intervenção do Estado para além das leis – desenvolver políticas públicas para a garantia da diversidade cultural e igualdade de direitos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interculturalidade como resultado do fenômeno migratório no Brasil, analisada a partir do século XVIII, evidencia a ligação da cultura com a terra e sobrevivência. A convivência de povos de

diferentes etnias e costumes no mesmo tempo e espaço gerou frutos que estão presentes hoje, estando refletidos nas tradições, gastronomia, festas e religiosidades. No Acre, podem-se ver a intersecções culturais no candomblé, umbanda e ayahuasca, que são religiões que incorporam tradições indígenas e africanas, constituídas no contexto histórico da migração e dos trânsitos de culturas.

Na contemporaneidade, as heranças desses povos resistem nas lutas de seus descendentes, que buscam não deixar que a história da sua gente seja oprimida e apagada. Mas, mesmo com essa extensa história de costumes, ritos e resistência, a intolerância é uma das formas mais frequentes de tentar extinguir as crenças dessas pessoas. A pesquisa em fase inicial exposta neste texto demonstrou que pessoas praticantes de religiões de matriz africana sofreram algum tipo de intolerância contra sua religião (PIBIDHistória/CAPES, 2023).

Esses dados iniciais já nos alarmam para o problema que está presente todos os dias na vida dessas comunidades. O desrespeito, preconceito e intolerância voltados contra suas culturas, costumes, ritos e, principalmente, suas manifestações religiosas, descambam para casos de violências de todos os graus possíveis, para as quais a sociedade e representantes políticos acabam por fechar os olhos.

Tais problemas são mais alarmantes quando paramos para refletir que esses elementos interculturais (Candau, 2016) estão presentes no cotidiano de todos, desde um prato culinário trazido pelos africanos até mesmo nossas festas, músicas e na forma como falamos. Essa interculturalidade pertence a todos nós, daí o respeito e aceitação dessas religiões deveria ser consenso, tal como previsto na Lei 11.635, de 27 de dezembro de 2007, que institui o combate à intolerância religiosa, o que acabou por não fazer diferença, conforme exposto nos dados iniciais dessa pesquisa.

As migrações e a interculturalidade produzem dinamismo de movimentos contínuos e descontínuos de “nexos” e “hiatos” culturais, particularmente religiosos, que provocam nas narrativas/discursos os valores “morais” conflituosos. Daí que o Estado de Direito, enquanto o império da lei, precisa reconhecer e resguardar a diversidade cultural, contemplando lutas políticas e sociais dos grupos considerados minorias, materializadas em políticas públicas que garantam dignidade, liberdade e direitos iguais em termos de manifestações culturais existentes no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. História e Historiografia do Acre: Notas sobre os Silêncios e a Lógica do Progresso. Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 1, número 4, edição de dezembro de 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/342-Texto%20do%20artigo-1025-1-10-20151207>. Acesso, 25 ago. 2023.
- ALLEYNE, Frederick. **Imigrantes Negros: Na Contramão da História** - p. 306-319.
- ARAÚJO, Valmir Freitas de. **Memória da Imigração Síria e Libanesa nos Vales dos Rios Acre e Purus - 1900-1975**. USP- São Paulo, 2015. (Catálogo USP) <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15072015-135201/pt-br.php>. Acesso, 25 ago. 2023.
- BEZERRA, Maria José. **Invenções do Acre: de Território a Estado- Um Olhar Social**. São Paulo, 2006.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. 247 S.A, 2013. 443 p.
- BHABHA, Homi. Compromisso com a teoria. In: BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001;
- BRASIL. Lei Nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007. Contra a Intolerância Religiosa, Presidência da República. Disponível em: Lei nº 11.635 (planalto.gov.br). Acesso em: 17 de agosto de 2023.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação outra?**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- COLFERAI, Sandro Adalberto. **Imigração e Identidade Cultural: A Representação de uma Identidade Preferencial no Interior de Rondônia**. Revista Labirinto, ano X, nº 13 – agosto de 2010.
- COSTA, Diogo Menezes. **Arqueologia dos Africanos Escravos e Livres na Amazônia**. Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, janeiro – junho 2016.
- EMMI, Marília Ferreira. **Fluxos Migratórios Internacionais para a Amazônia Brasileira do Final do Século XIX ao Início do Século XX: O Caso dos Italianos**. PAPERS DO NAEA Nº 240, 2009.
- GUILLÉN, Elio Dixon Escurra. **Peruanos no Acre: A Trajetória de uma Experiência Migratória**. Goiânia, 2010.
- LIMA, Georgia Pereira. **'Brasivianos': Culturas, Fronteiras e Identidades**. USP- São Paulo, 2014. (Catálogo USP) <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21012015125422/pt-br.php> Acesso, 24 ago. 2023.

NASCIMENTO, Aline. Tenda de umbanda do Acre denuncia pastor por intolerância religiosa e preconceito e MP investiga caso. **Acre Amazônica**, 2022. <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2022/05/22/tenda-de-umbanda-do-acre-denunciapastorpor-intolerancia-religiosa-e-preconceito-e-mp-investiga-caso.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2023.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Os Estudos Culturais em Outras Margens: Identidades Afroindígenas em “Zonas De Contato” Amazônicas.** Fênix – Revista de História e Estudos Culturais setembro/outubro/novembro/dezembro de 2012.

PACHI, Pricila. **Migração e Interculturalidade, Um Binômio Capaz de Construir Pontes de Convivência.** Revista UFMG, belo horizonte, v. 25, n. 1 e 2, p. 124-143, jan./dez. 2018.

PONTES, Carlos José de Farias. **O Primeiro Ciclo da Borracha no Acre: Da Formação dos Seringais ao Grande Colapso.** **Revista South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, vol. 1, p. 107-123, 2014.

SANTOS, Armstrong da Silva. **Encontros e desencontros em narrativas de haitianos na Amazônia acreana.** Muiraquitã, UFAC, v. 4, n. 1, 2016.

SANTOS, Armstrong da Silva. **Haitianos na Amazônia Sul Ocidental: identidades e narrativas em trânsito.** Dissertação. Programa de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade da UFAC, 2014.

SILVA, Adnilson de Almeida. **O Processo de Des(Re)Territorialização dos Trabalhadores Nordestinos no Território Amazônico durante os Ciclos da Borracha.** Revista Geografar, Curitiba, v.5, n.1, p.61-82, jan./jun. 2010.

SILVA, Jerônimo da Silva. **Energias das Águas no Corpo de Rezadeiras: Trânsitos, Curas e Identidades na Amazônia Bragantina.** Revista Cocar, Capanema-PA, 2012.

SILVA, Rachel; CASTRO, Stélia. **Religiosidade Popular: Santa Raimunda, do Bom Sucesso no Acre/Brasil.** 2010.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa** [livro eletrônico] /Sidnei Nogueira. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. 160 p.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O Processo Migratório no Brasil e os Desafios da Mobilidade Humana na Globalização.** Porto Alegre, Pallotti, 2004.

Entre sírios e libaneses. **AGAZETADOACRE**, 2010. [Entre sírios e libaneses - Jornal A Gazeta do Acre](#) Acesso em: 27 ago. 2023.

Cem anos da imigração japonesa. **Notícias do Acre**, 2008. <https://agencia.ac.gov.br/cem-anos-da-imigrao-japonesa/> Acesso em: 27 ago. 2023.

*Data de submissão: 31/08/2023*

*Data de aprovação: 27/10/2023*